

# Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 48 jan-jun 2023 ISSN 1413-6651

IMAGEM *estudo em argila para uma escultura de Spinoza* (1860-1880)  
de Eugène Lacomblé (1828-1905), escultor residente da cidade de Delf, Países Baixos.

RESENHA DO LIVRO  
*DE CERA À CARNE*,  
DE JOSÉ MARCELO RAMOS SIVIERO

Silvana de Souza Ramos  
Professora, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil  
ramos.si@usp.br

Como pensar um trajeto investigativo que nos permita aproximar Merleau-Ponty de Descartes? Eis o grande tema que atravessa os capítulos do livro *De cera à carne* (Appris Editora, 2022), de José Marcelo Ramos Siviero. Não se trata de um pequeno desafio, uma vez que Merleau-Ponty faz questão de se distanciar criticamente da ontologia dualista cartesiana.

A filosofia de Merleau-Ponty se constrói a partir do desafio de enraizar o sujeito no corpo e fazer do último o veículo da existência. O projeto de fazer uma fenomenologia da percepção exige recuperar a confiança na sensibilidade e instaurar um regime de verdade em que o erro não seja motivo de recusa daquilo que experimentamos no e pelo corpo próprio. Nada mais distante do pensamento cartesiano. O caminho das *Meditações Metafísicas* se desenha a partir da desqualificação de todas as informações a que temos acesso pelos sentidos. O regime da dúvida hiperbólica visa instaurar a primeira certeza, inabalável, sobre a qual se possa reconstruir todo o edifício do saber. Ora, o primeiro atingido por essa investigação é exatamente o campo do corpo e da sensibilidade.

de: os sentidos nos enganam e, por isso, temos de suspender o juízo acerca de tudo o que nos vem através deles. A partir daí, a Primeira Meditação derruba um a um os marcos de certeza com os quais a filosofia parecia lidar de modo acrítico: a existência do corpo, as operações da matemática, a veracidade divina, enfim, toda pretensão de certeza é abalada pelo procedimento hiperbólico da dúvida. Assim, essa estratégia carrega passo a passo o filósofo à conquista da primeira verdade: se duvido, penso; e, se penso, existo.

É certo, porém, que ao longo das *Meditações* não apenas a sensibilidade será recuperada, como também as verdades matemáticas e a crença num deus veraz, mas isso ao preço de que a partir de agora todo conhecimento deverá ser mediado pelo juízo. Para Descartes, conhecer não é perceber com os sentidos, pelo contrário, meu acesso ao mundo só pode ser claro e distinto se eu puder olhá-lo da perspectiva da razão, pois apenas o juízo se mostra capaz de julgar corretamente as impressões do mundo, de modo que a sensibilidade não mais me engane. Não por acaso, Descartes recusa a realidade das qualidades sensíveis e aposta na apreensão geométrica do mundo, pois essa purificação da experiência garante o conhecimento dos objetos exteriores. Há, porém, uma região da experiência que jamais poderá ser integralmente esclarecida. Afinal, para alicerçar o conhecimento no ser pensante, o caminho da dúvida, ao operar de modo analítico, engendra uma cisão essencial entre *res cogitans* e *res extensa*, de modo que a experiência da mistura da alma com o corpo próprio permanece inevitavelmente obscura à razão.

Dito de outro modo, Descartes pode compreender o ser pensante com clareza e distinção; pode também descrever o funcionamento mecânico do corpo humano, considerando-o uma máquina que funciona segundo as leis da física; e pode, ainda, conceber geometricamente os objetos exteriores. Contudo, a existência viva da mistura do corpo com a alma permanece misteriosa. Há testemunhos dessa união na experiência dos sentimentos, na fome, na dor, na percepção confusa do mundo externo. Nenhum deles, porém, pode ser depurado pela razão, ou pela luz natural, de modo que a união seja rigorosamente explicada. A região da mistura só oferece indícios de veracidade que me incli-

nam a crer. Eis um limite que não pode ser ultrapassado pelo cartesianismo: a luz da razão é incapaz de iluminar a experiência viva. Por isso, do ponto de vista merleau-pontiano, esse modo de investigação nos priva de compreender a existência encarnada de um corpo aberto ao mundo, marco inaugural de nosso acesso a qualquer conhecimento.

É por isso que a filosofia de Merleau-Ponty é crítica ao cartesianismo: não cabe buscar verdades abstratas para alicerçar o conhecimento, pois isso significaria obscurecer a origem ambígua da experiência sem a qual nada poderíamos conhecer. Em primeiro lugar, ao se recusar a compreender a origem encarnada do conhecimento, Descartes desistiu de meditar sobre as incertezas do mundo sensível. É preciso perguntar se não haveria um modo de compreendê-las, sem julgá-las pela razão. Em segundo lugar, ao dar primazia à razão sobre a sensibilidade, Descartes produziu uma abstração. A vida concreta do espírito é sempre encarnada, jamais completamente depurada do corpo. Não há pensamento que não conte, ainda que tacitamente, com o mergulho originário do corpo no mundo sensível. Quando damos início à reflexão, somos um corpo complexo, imerso nas incertezas da sensibilidade. Não é um *cogito* puro aquele que dá origem à reflexão, mas sim um sujeito encarnado, que responde aos questionamentos do mundo ao percorrê-lo com os sentidos. Esquecer essa origem ambígua implica negligenciar a experiência que abre a possibilidade de construção de qualquer certeza.

Desistir de julgar a sensibilidade significa, para Merleau-Ponty, descrever a percepção tal como ela concretamente se desenrola. Precisamos admitir que a percepção não tem acesso a uma marca imediata e definitiva da veracidade do que experimenta. Mas isso não quer dizer que ela deva ser descartada enquanto tal, pois a percepção pode vencer suas limitações momentâneas e, assim, ampliar nosso horizonte de experiência do mundo. A percepção não acontece no instante, pelo contrário, ela é um processo que, a cada visada, pode corrigir-se a si mesma. Se estou numa praia e avisto ao longe um tronco, objeto que eu confundia anteriormente com um monte de areia, isso não significa que a percepção esteja fadada ao erro. Novas visadas do objeto me permitem corrigir a

impressão inicial e assim percebo que se trata de um tronco e não de um monte de areia. Não preciso recorrer a uma instância superior à percepção para escapar do erro: a sensibilidade corrige-se a si mesma conforme minha exploração do mundo se aprofunda. Assim, ao visar o mundo, descubro que ele é uma fonte inesgotável de experiência e aprendizado e, por isso, o conhecimento nunca pode ser completo. A clareza e a distinção almejadas por Descartes só podem ser abstrações que nos separam da experiência viva, esta que nunca se desfaz totalmente da ambiguidade.

Mas se é assim, como a filosofia de Merleau-Ponty pode se encontrar com o pensamento cartesiano? Para responder a essa pergunta, o livro de Siviero nos convida a pensar no sentido profundo da descrição da percepção do pedaço de cera, apresentada na Segunda Meditação cartesiana. Embora Descartes se esforce para submeter a percepção da cera à inspeção do espírito, é certo que a última jamais abandona o solo de experiência a partir de onde o conhecimento do objeto em questão é forjado. A construção da reflexão exige o recurso a uma sequência de percepções: da cera doce, com odor de flores, dura e fria àquela aquecida, cujo odor se esvai, cuja forma e grandeza se alteram. A despeito da defesa de uma metafísica dualista promovida por Descartes, o que temos aí em curso é uma descrição da experiência perceptiva de modo que a inspeção do espírito que a acompanha não deixa de estar fundada na relação originária do corpo com o mundo.

É por isso que a proximidade do fenomenólogo com o seiscentista não acontece por meio das teses que ambos sustentam acerca da percepção: o que os aproxima é o papel que a descrição da experiência representa nos dois casos. Pois tanto Descartes quanto Merleau-Ponty investigam o mistério da ligação do sujeito encarnado com o mundo e descobrem aí um campo inesgotável, que pode ser descrito, embora nunca possa ser inteiramente dominado pela razão. O livro de Siviero traz à tona essa possibilidade de interpretação do diálogo de Merleau-Ponty com Descartes. Cabe agora a leitoras e leitores dar prosseguimento a essa investida fecunda, bem-sucedida em iluminar a força filosófica advinda da experiência da ambiguidade.